

O processo de globalização parece ser assunto obrigatório hoje em todo tipo de publicação ou debate. Por mais que a palavra venha se desgastando, a realidade socioeconômica e cultural deste processo não pode ser eludida por cientistas sociais interessados em compreender tanto a natureza das novas formas de produção e consumo quanto as características dos agentes envolvidos. Não podemos deixar de examinar as implicações teóricas e práticas da aparente contradição entre a mundialização cultural que atravessa as novas tecnologias de comunicação e informação, por um lado, e a afirmação local, regional ou nacional de identidades culturais específicas, por outro. Não podemos, tampouco, ignorar interpretações da arena cultural que destacam, concomitantemente, tendências à fragmentação de identidades definidas territorialmente, por suas raízes em determinado espaço — cidade, região ou nação-estado —, e a fragmentação do próprio corpo social, ou dos parâmetros definidores das normas de sociabilidade.

Essas relações complexas entre globalismo e localismo, já batizadas de “glocalização”, constituem o foco principal dos artigos deste número de *Sociedade e Estado*. São discutidas algumas possibilidades e críticas teóricas mais gerais, analisam-se casos específicos de afirmação de identidades culturais particulares e propõem-se novos modelos explicativos. Mike Featherstone abre a discussão destacando a complexidade de processos de absorção de modelos culturais hegemônicos, acompanhados pela reafirmação e reconstrução de tradições locais. O artigo de Lucia Lippi de Oliveira refere a questão ao continente norte-americano, analisando as formas de construção da identidade nacional através de suas representações geográficas. Luís Cláudio Figueiredo procura diagnosticar alguns traços constitutivos da identidade cultural brasileira, focalizando o lugar da lei no inconsciente coletivo.

O fenômeno da fragmentação atinge não apenas as formações sociais nos seus diversos níveis e dimensões, mas alcança também a própria ciência que

as estuda. Mattei Dogan analisa a múltipla cisão da ciência social em especialidades e propõe novos modelos para se pensarem as recombinações possíveis em torno da sociologia.

Apresentamos ainda neste número os resultados da mesa-redonda realizada primeiramente em Florianópolis, na III Reunião Especial da SBPC, e depois em Brasília, sobre as questões atuais que cercam o meio ambiente diante do processo de globalização. Este conjunto de trabalhos, apresentado por Vilma Figueiredo, procura mostrar como, também neste campo específico, a permeabilidade das fronteiras gera novos atores e novas questões. Este é o tema das comunicações de Caetano E.P. de Araújo, de Maristela Bernardo, de Ilse Scherer-Warren e de Flávia Lessa de Barros.

Esperamos, com este número, contribuir para o debate sobre a globalização tanto no que diz respeito às identidades culturais e nacionais quanto no que tange à problemática do meio ambiente, de forma a afastar as interpretações simplistas que tendem a exacerbar os seus efeitos, seja de homogeneização seja de fragmentação. É com este objetivo que trazemos ao leitor de *Sociedade e Estado* um leque de abordagens que, embora diversificado nas suas perspectivas, é homogêneo na profundidade das pesquisas e reflexões em que se baseiam, proporcionando maior densidade à discussão contemporânea sobre o tema.

*Maria Lucia Maciel*